



Entrevista com Maria Cristina Bohn Martins





Maria Cristina Bohn Martins

Fernanda Giroto*
Deise Cristina Schell**

O Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos completou em 2012 seus 25 anos de atividade. Pode-se afirmar que a professora Maria Cristina Bohn Martins participou de todos eles - o equivalente à metade de sua vida.

Sua trajetória acadêmica teve início na Unisinos, pois cursou a Graduação em História nesta Universidade. Embora sendo natural de Torres, RS, na época ela já residia em São Leopoldo com seus pais e irmãs, tendo permanecido na cidade após o casamento. Graduada, iniciou sua carreira docente no Colégio São Luiz, para logo ser convidada a atuar na Unisinos. Era o ano de 1986. Ao ingressar para o corpo docente do “ciclo básico” da Universidade por convite da Professora Beatriz Franzen, comprometeu-se a realizar um Mestrado em História de que resultou a dissertação, “*O Guarani e a economia de reciprocidade*”, orientada pelo professor Bartolomeu Meliá. Em 1999, obteve o título de doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com a tese intitulada “*A festa guarani das reduções: perdas, permanências e transformações*”, orientada pela professora Doutora Maria Cristina dos Santos, e que foi publicada pela ANPUH RS com o título *Sobre festas e celebrações: as reduções do Paraguai (séculos XVII e XVIII)*.

Hoje, além de professora titular do curso de Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, é Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ainda é coordenadora, junto com Fernando Torres-Londoño (PUC-SP) do Grupo de Pesquisas do CNPq “Jesuítas nas Américas”, e membro do Grupo de Pesquisas “História das Américas: fontes e historiografia” coordenado por Luiz Estevam de Oliveira Fernandes (UFOP).

Pensamos, pois, que a participação da professora Maria Cristina Bohn Martins na história do PPGH Unisinos, sendo aluna da primeira turma de mestrado do Programa e, alguns anos depois, parte de seu quadro docente, poderia ser a linha condutora de nossa

* Possui Graduação em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2010) e mestrado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2013). Atuando principalmente sobre História da América Latina, Companhia de Jesus e Ilustração.

** Doutoranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2011). Graduada em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2008).



entrevista. Assim, pretendemos, através deste questionário, não somente observar a trajetória da professora Maria Cristina (a Cris, para a maioria de seus orientandos e colegas), mas verificarmos os caminhos de um profissional da história dentro de uma instituição de ensino e pesquisa e, ainda, visualizarmos a trajetória do nosso campo de conhecimento [a história da América] no Brasil.

As autoras desta entrevista, Fernanda Giroto e Deise Schell, foram orientandas da professora, que contribuiu para sua iniciação no universo da pesquisa acadêmica. Numa tarde de verão, acompanhadas de limonada suíça, laços de afeto e companheirismo, conversamos com ela, na sua casa, sobre a história do PPG e, desta forma, sobre a sua própria trajetória profissional.

RLAH - Gostaríamos que a senhora nos contasse como iniciou os seus estudos em História. Há alguma lembrança do que possa ter auxiliado em sua decisão por esta área de estudos? Já pensava em se tornar professora ou pesquisadora?

Maria Cristina Bohn Martins - Na verdade, eu não pensava em me tornar professora – e pesquisadora muito menos. Na época em que iniciei a graduação na Unisinos, creio que não fazia parte dos projetos de vida da grande maioria dos meus colegas a idéia de ser pesquisador. Eu também não sabia se seria professora: fiz o curso de História porque era isto que eu gostava de estudar. Na verdade, em umas férias no último ano do Ensino Médio, li um livro sobre arqueologia essa foi uma experiência decisiva¹. As histórias ali contadas - sobre a descoberta da tumba de Tutankamon ou sobre as pesquisas arqueológicas de Schliemann² em busca de Troia, me encantaram completamente. É claro que eu tinha já uma sensibilidade especial para o campo das humanas. Gostava igualmente de Antropologia e de Literatura e poderia ter escolhido realizar qualquer um destes cursos. Por isto que a leitura foi tão determinante...

Então, lembro que quando olhei a grade curricular do curso de História da Unisinos, e encontrei as cadeiras de Arqueologia, fiquei super motivada. Entretanto, esta era uma sedução pouco madura e muito fantasiosa. Assim, não busquei me aproximar do Instituto Anchieta de Pesquisas - pois suas áreas de pesquisa – ligadas a arqueologia pré-histórica do Brasil -,

¹ C. W. Ceram. Deuses, Túmulos e Sábios. São Paulo : Melhoramentos, 1955.

² Arqueólogo alemão, que viveu entre 1822 e 1890, tornou-se famoso por suas descobertas sobre a Grécia pré-histórica, especialmente pela localização dos restos de Tróia



não contemplavam meus sonhos de adolescente: a história antiga do Egito, da Pérsia, da Mesopotâmia...

Ingressei em 1979 na Universidade. A opção pelo magistério veio como decorrência, de não haver Bacharelado em História. Me formei não gostando nem um pouco das cadeiras pedagógicas. Ou seja, eu não sabia se teria talento ou vocação para ser professora, mas gostava muito de estudar. Na verdade, eu tinha uma situação privilegiada, pois era uma estudante de tempo integral. Tinha apoio familiar e facilidade para comprar livros. Minha casa sempre teve muitos, muitos livros.

Só no último ano da universidade ao fazer estágio, comecei a lecionar. Logo percebi que gostava, gostava muito de fazê-lo... Fui muito feliz como professora de Escola. Gostava especialmente das crianças, não muito pequenas, mas também não adolescentes de Ensino Médio. Me satisfazia muito trabalhar com quintas e sextas séries. Então, a ideia de ser professora veio junto com a prática.

Fui tomada de muita surpresa quando Beatriz Franzen - a “Bea”-, que tinha sido uma professora com a qual eu tivera grande identificação durante o curso, me telefonou uma noite dizendo que estavam precisando de professores para assumir (imediatamente) aulas no Ciclo Básico. O “Básico” era um elenco de sete disciplinas ofertadas a todos os alunos da Unisinos, para que eles escolhessem (obrigatoriamente) cinco delas para cursar. Pretendia-se dar uma formação geral aos alunos.

Minha primeira professora na Universidade tinha sido justamente a Bea, e na disciplina que eu passaria a lecionar: História do Pensamento Humano. Aceitei o desafio em agosto de 1986. Junto com ele ficava o compromisso de iniciar a Pós-Graduação.

A Unisinos oferecia, naquela época, Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização, curso de *Lato sensu*. Mas não era disso que se tratava: a Professora Beatriz Franzen começava a projetar naquele semestre a criação de um Curso de Mestrado na Universidade, o que era uma novidade fora do circuito das grandes universidades públicas. No Estado havia apenas o curso da PUCRS, já bastante tradicional. O “grupo” que idealizou este Mestrado era formado por ela, pelo Padre Ignácio [Schmitz] e pelo Professor Rambo [Arthur Blásio Rambo]. Ao lado deles, alguns professores de outras áreas (Direito, Literatura, Filosofia...) foram convidados a atuar, constituindo, desta forma, uma equipe interdisciplinar.

Antes disto contudo, fomos então contratados em regime de urgência urgentíssima. Além de mim, a professora Eliane Fleck, o professor Solon Viola e, creio que, neste mesmo momento, o Professor Leandro Karnal. Ao final do semestre, fizemos concurso, e nele



ingressaram, também, os Professores Udo Kunert e a Elô [Eloísa Capovilla da Luz Ramos]. No verão finalmente, fizemos, também, Eliane e eu, a seleção para o Curso de Mestrado³.

Os Professores Schmitz e Franzen me ajudaram a definir o tema para estudar. De fato, eu era bastante inexperiente quanto ao universo da pesquisa científica, e “encontrei” o tema das Missões por influência deles. Fiz um projeto muito simplório. Acredito firmemente que os alunos que concluem nossa graduação hoje são muito melhor preparados neste particular do que eu fui. “Nosso” curso inclui toda uma preocupação com a dimensão da construção do conhecimento que praticamente inexistia para minha geração, a não ser em casos excepcionais. Tínhamos uma única professora que era pesquisadora, a Prof. Helga Piccolo, mas ela sempre dizia que a nós – da Unisinos – ela preparava para ser “professores” e não “pesquisadores”.

A sugestão que recebi sobre o tema que desenvolveria como mestranda apostava no fato de que a Unisinos contava com um acervo de documentos sobre as Missões Jesuíticas. Comprei uns quatro ou cinco livros sobre as Missões no verão de 1987, para, durante as férias, me preparar para o Mestrado. Eram livros sem nenhuma reflexão teórica, sem nenhum cuidado metodológico. Faziam o enaltecimento da Ordem dos Jesuítas junto aos “brutos” indígenas sul-americanos, sem nenhuma ponderação sobre fontes, por exemplo. Eliane [Fleck] também fez um projeto sobre Reduções de Guaranis, mas penso que ele lidava com o universo da educação das missões. Ela tinha estudado a ação do CIMI⁴ no seu TCC⁵ e recolhera alguma experiência. Creio que deve ter feito algo melhor que eu, até porque pior... acho difícil!

Honestamente não lembro o que eu propunha ou que problema de pesquisa pude formular, mas tenho plena consciência de que o projeto era insuficiente... Lembro bem da entrevista de Seleção ao Mestrado, feita pelo Padre Ignácio e pela Professora Beatriz, e certamente não foi pelo projeto que eles me aprovaram! Foi porque apostavam que eu era aplicada e daria a resposta que esperavam. Creio que cumpri com as expectativas e, ao recordar esta história, me sinto feliz e recompensada.

Recordo, também, da cerimônia de instalação do Mestrado no Auditório da Antiga Sede, presidida pelo Reitor, que então era o Pe. Aloizio Bohnen. Foi um ato muito solene e

³ Eloísa [Capovilla da Luz Ramos] o fez na UFRGS, e o Leandro [Karnal] na USP, tendo se radicado em São Paulo.

⁴ O Conselho Indigenista Missionário está vinculado a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Criado em 1972, procura favorecer a articulação entre aldeias e povos, promovendo assembleias indígenas, onde se desenharam os primeiros contornos da luta pela garantia do direito à diversidade cultural.

⁵ Meu TCC fora uma crítica às fontes mais tradicionais sobre a revolução de Avis em Portugal em 1383.



acompanhado das autoridades universitárias. Então não só fui aluna da primeira turma, como acompanhei todo o rito de ingresso da Unisinos na esfera da pós-graduação *Stricto sensu*. Fazíamos parte desta turma inicial: Eliane Deckamnn Fleck, Márcia de la Torre [vinda da Federal de Rio Grande] Liene Schutz, Leda Vaz Rohe, Walter Steyer, Alcido Arnildo Arnold, que era nosso colega das Ciências Sociais, e eu. Éramos sete alunos e todos nós participamos da cerimônia de instalação. Do grupo, seis concluíram o Mestrado. Um membro super importante da “equipe” era a Janaína V. Trescastro, a secretaria contratada logo naquele primeiro semestre de funcionamento do curso e que “construiu” o perfil administrativo dele. É uma amiga querida e pessoa de mais alta competência, a qual ela hoje empresta para outra instituição.

Tivemos professores muito ecléticos. O Curso tinha um corpo fixo de docentes não muito grande, e nem todos eram historiadores; se apresentando como um Mestrado interdisciplinar. Cursamos seminários, por exemplo, o Padre Wetzel, que era, creio, o Pró-Reitor de Pesquisa e Extensão; com um jurista, o Professor Ruy Ruben Ruschel. Participavam da equipe o Professor Antônio Sidekun (Filosofia) e Blanca Brittes (Arquitetura). O Professor Ruschel, embora não fosse um historiador profissional, fazia pesquisas e foi uma autoridade em temas relativos à ocupação do Litoral. Lembro que ele era muito doce com os jovens iniciantes que tinha como alunos.

Tivemos aula com convidados estrangeiros, como o Padre Bartolomeu Meliá que atuava como professor visitante. E também com professores brasileiros de fora do RS, como o Professor Werner Altmann, que vinha de São Paulo no período de férias da USP, onde ele atuava. Daqui do Estado, tivemos como professor o Arno Kern, que era docente da PUCRS e da UFRGS. Assim, era um grupo formado por alguns professores da casa e muitos convidados. Com exceção do Padre Ignácio e do Padre Milton Valente, especialista em Roma e já bastante idoso, não havia Doutores em História na Unisinos. Mesmo a Professor Beatriz, coordenadora do Mestrado, não tinha ainda essa titulação. Os historiadores então, vinham de fora. Logo foram sendo incorporados outros colegas: Marli M. Moreira retornando de um Doutorado em Cornell na área da Linguística e, provenientes da UFRGS, Loiva O. Félix, Ieda Gutfreind e Heloísa Reichel. Da EST veio o Professor Martin Dreher que ficou muitos anos conosco. Outro colega que está a bastante tempo conosco é o Cláudio Elmir, que também começou como professor da Graduação.

O Mestrado foi uma descoberta. Como disse, até aí eu, de fato, não pensava em me tornar pesquisadora... Primeiro estudei aquilo de que gostava, depois vi que funcionava bem



como professora, que eu tinha empatia, boa comunicação com os alunos. Ser pesquisadora foi decorrência da mudança na forma como se passou a pensar o papel do professor universitário, um profissional que produz conhecimento e não apenas o replica. E não só na Unisinos isto ocorreu, haja vista a grande expansão dos cursos desta natureza e da exigência que se faz hoje, aos professores do ensino superior. Na verdade é incrível a enorme diferença na historiografia brasileira com a fortíssima expansão da pós-graduação em nível nacional a partir do anos 80. Muitos temas foram revistos, tantos outros ingressaram no campo de atenção do pesquisadores. E, além disto, profissionalizou-se a pesquisa, o que trouxe, inegavelmente, uma nova qualidade aos trabalhos.

RLAH - Sabemos da importância do incentivo e exemplo de seu pai, que era professor: poderias falar sobre a sua formação em casa? Opcional: Como o marido e os filhos percebem sua carreira profissional? Como se relacionam com ela? ... incentivo, carinho, admiração, ausências, exemplos...

Maria Cristina Bohn Martins - A importância da minha família é claro foi grande. Meu pai gostava muito de ler. Era um homem muito culto, gostava muito de leitura e eu aprendi a gostar de ler com ele. cursar a Universidade era um prosseguimento lógico da nossa educação.

Minha vida acadêmica começou no momento em que comecei a constituir minha família. Eu me casei naquele mesmo ano em que eu comecei a dar aulas na Unisinos, um mês depois disto para ser exata. Minha história familiar foi construída assim, junto com a profissional, e meu marido sempre conviveu com esta situação. Sem dúvida nenhuma, o fato de ele apoiar, incentivar e se sentir recompensado com a maneira como eu construí minha carreira foi e é essencial. Escrevi a Dissertação de Mestrado com o Eduardo recém-nascido e dando muitas aulas! Mas o mais impensável hoje: sem computador! Na época o máximo da tecnologia eram as “máquinas elétricas”, um luxo de que Eliane [Fleck] e eu dispúnhamos.

O Doutorado realizei com a Rafaela recém-nascida e, como no Mestrado, trabalhando muito. Cursei-o na PUCRS em Porto Alegre

RLAH - Hoje, és professora do curso de Graduação e de Pós-Graduação em História da Unisinos, sendo e tendo sido orientadora de diversos alunos que puderam iniciar suas trajetórias acadêmicas como bolsistas de iniciação científica. Durante a sua graduação em História na Unisinos (1979 a 1983), como acontecia a apresentação de um graduando ao



mundo da investigação. Isto é, numa época em que o incentivo à iniciação científica ainda não era uma preocupação instituída ...

Maria Cristina Bohn Martins - Como já disse, não se fazia pesquisa no âmbito do nosso curso e nem se falava em pesquisa na sala de aula. Tínhamos uma Professora Pesquisadora, que era a referida Helga Piccolo, a primeira Doutora em História no Rio Grande do Sul e a única naquele momento. Tínhamos também um professor Mestre, que era Elmar Jonas Manique, mas que teve pouca influência em nossas trajetórias. E neste “nossa” eu incluo, além da Eliane com quem já lembrei ter compartilhado várias coisas, Marluza Harres, Luís Fernando Medeiros e Marcos Tramontini, que se tornaram, também, colegas de trabalho. Há ainda o Leandro Karnal [que hoje trabalha na Unicamp] e o Cleber Prodanov [que hoje trabalha na Feevale]. Não fui colega direta destes dois, mas Leandro [Karnal] e eu tínhamos uma amizade que se iniciara fora da universidade. De toda forma, apesar do pouco estímulo, vários de nós buscaram titulação acadêmica o que, penso eu, ocorreu na medida em que, como assinalei antes, estava havendo, nesta época, uma profunda redefinição no campo da produção do conhecimento na nossa área, com a grande expansão dos cursos de pós-graduação.

Acredito que eu era, talvez, a que menos projetasse a academia como futuro. Acho que o Marcos [Tramontini], por exemplo, era muito mais ligado nisso do que eu, tanto que logo foi fazer mestrado em São Paulo (PUC), regressando para se tornar parte do nosso curso. A experiência dele foi bastante importante para nós. Ele regressou com uma maior sofisticação na reflexão teórica e no tratamento metodológico das fontes e compartilhava generosamente isto comigo. Tinha, além disto, uma energia incrível. Seu trabalho de Doutorado⁶ acabou se tornando uma referência para os estudos sobre imigração, renovando a forma de abordar um campo que é muito “clássico” aqui na região. O Marcos Witt, que foi aluno e hoje é nosso colega, representa com seus trabalhos um pouco isto, o alargamento dos temas neste campo de especialidade.

Para mim foi, de fato, uma feliz conjugação de situações que me conduziu ao espaço que ocupo. Devo isto à Beatriz [Franzen], e devo muito, muito mais que isto à ela. Uma dívida impagável, porque me trouxe benefícios intangíveis, como uma grande amizade e as melhores lições de profissionalismo e ética que recebi. Comparável a isto só a saudades, a falta sem fim, sentimento que, alias, se refere aos dois.

⁶ Tramontini, M. A Colônia de São Leopoldo: a organização social dos imigrantes na fase pioneira (1824-1850). Tese de doutorado. Porto Alegre: PUC-RS, 1997.



RLAH - Sabemos que, durante os 25 anos do PPG de História da Unisinos, muitas mudanças aconteceram e muitas pessoas passaram por aqui. Quando e como ingressastes no Programa como professora? Quais temas estavam sob teus cuidados? Poderias descrever para nós quais foram as transformações institucionais mais significativas, na sua opinião? Quais as pessoas que deixaram marcas mais profundas na sua trajetória?

Maria Cristina Bohn Martins - Assim que nós terminamos o Mestrado, a Eliane e eu ficamos associadas ao Curso, que não era ainda o Programa de Pós-Graduação em História. O doutorado veio depois. Éramos “professoras em treinamento”. Inicialmente, ganhamos algumas horas de pesquisa como Mestras em História - ainda não dávamos aula-, e fomos adquirindo alguma experiência como “apoio” do Pe. Meliá que vinha em algumas épocas do ano. Depois, quando ingressamos no Doutorado na PUCRS, a professora Beatriz conseguiu que permanecêssemos vinculadas ao já então Programa de Pós-Graduação -, ainda nessa qualidade de professoras em treinamento. Dávamos aula para Mestrado como associadas ao Pe. Meliá, mas sem orientar.

Ele era o responsável, era quem montava o programa de ensino, as aulas, distribuía as leituras e iniciava os cursos. Havia muitos professores que não estão mais conosco. É o caso da Cleci Favaro que eu ainda não havia mencionado, bem como de Flávio M. Heinz. Chegamos a ser uns dezoito docentes, um grupo bastante grande ao longo dos anos 90.

Inicialmente tínhamos várias Linhas de Pesquisa também, as quais foram se organizando para dar forma a estas três que desenvolvemos hoje⁷. Houve um trabalho muito intenso da Professora Beatriz no sentido de ajustar um curso que começou como um Mestrado interdisciplinar, para um Programa de Pós-Graduação em História. Essa característica interdisciplinar que tivemos no começo, hoje talvez seja mais valorizada, mas era não naquela época. O Curso foi configurado dessa maneira pela necessidade de conjugar professores da Instituição que pudessem compor o quadro docente do primeiro curso de Pós-Graduação na Unisinos. Hoje, a Pós-Graduação se encontra completamente estabelecida aqui na instituição. A nossa é hoje uma universidade de pesquisa, mas o que havia então, era bastante diferente, embora os jesuítas tivessem toda uma tradição neste campo. Foi um grande desafio e necessitou-se de grande dinamismo e criatividade, inclusive para vencer as resistências na CAPES quanto ao que se poderia esperar de uma instituição que não era estatal neste sentido.

⁷ São elas: Sociedades indígenas, cultura e memória; Migrações, territórios e grupos étnicos e Poder, ideias e instituições.



Hoje o nosso curso está plenamente reconhecido, goza de excelente conceito e respeito em nível nacional, mas foi um caminho longo e nada fácil.

O Professor Rambo foi nosso segundo coordenador, substituindo a Beatriz que foi para Portugal doutorar-se. Foi na Coordenação do Professor Rambo que Eliane, Marcos, Marluza e eu ingressamos no Programa como professores plenos. Conosco também findou uma fase mais “endógena” de seleção de quadros. A partir dali, entendeu-se que seria mais rico para a constituição do Corpo Docente do PPG se ele fosse alimentado, também, por colegas que viessem de outras Instituições. Então passou-se a fazer concursos para a contratação de quadros. A seleção que incorporou o Professor Jairo Rogge respondeu a uma necessidade pontual de acrescentar especialistas na área de Arqueologia, que tem muita procura e é muito especializada. Mas, fora isso, os professores começaram a vir dos mais variados lugares, como o Karl Monsma, o Hernán [Ramirez], argentino que estava radicado em Londrina, a Ana Silvia [Volpi Scott], que veio de São Paulo.

A Unisinos se tornou, de fato, uma Universidade norteada pela Pesquisa, e isso se constituiu por meio de uma caminhada da qual fazem parte – de forma pioneira - os 25 anos do PPGH. Não quero ser saudosista, mas acho importante lembrar sempre como tudo começou e de onde partiu uma reflexão que permitiu construir a situação que temos hoje. Acho que é importante ter em conta a qualidade fundamental da visão estratégica que tiveram os Professores Beatriz Franzen, Ignácio Schmitz e Artur Rambo, no sentido de perceber a relevância da Pós-Graduação *Stricto sensu* que é hoje um diferencial da Unisinos. Eles prepararam o caminho para as outras gerações de professores e de instâncias diretivas da Universidade. De alguma maneira facilitaram a trajetória para esses que, depois, seguiram transformando a Unisinos na Universidade que ela é hoje, um centro de excelência em vários campos.

RLAH - E como uma aluna da primeira turma a ingressar na PPG de História da Universidade: como foi sua trajetória? Que fatos ou pessoas marcaram sua caminhada? Fazendo um balanço das permanências e mudanças, a senhora algo a considerar?

Maria Cristina Bohn Martins - A minha trajetória é muito linear e coerente. Entre as cadeiras que eu leciono na Graduação, já há muitos anos, e os temas que eu pesquiso, há uma coerência e sintonia. Mas ela também é marcada pela sorte, porque no momento em que eu estava iniciando a carreira na Unisinos, o curso precisou de um professor de História da América... Aprendi a gostar e a valorizar uma área tão desprestigiada no Brasil, onde temos



certa dificuldade de considerar que fazemos parte de uma história que se expressa, também, em espanhol.

Sobre pessoas que marcaram esta jornada, já nomeiei algumas. Marluza Harres, Eliane Fleck, Marcos Tramontini, Heloísa Ramos e eu começamos juntos e sempre tivemos grande identificação com o curso. Logo veio o Cláudio Elmir, depois o Paulo Moreira, Ana Sílvia Scott, Luiz Fernando Rodrigues... Recentemente vieram o Marcos Witt e o Hernán Ramirez. Alguns passaram temporadas que já se concluíram, mas deixaram laços importantes. Formamos um grupo que trabalha muito e se identifica enormemente com os alunos que recebemos. Passamos muitas horas juntos, temos focos comuns, então não há como meus colegas não serem parte importante da minha história, passada e presente.

RLAH - Desde que começastes suas pesquisas sobre a história das Reduções Jesuítico-Guaranis, sobre história indígena e sobre a história dos missionários que atuaram na América colonial, quais são as principais alterações que ocorreram neste campo nos níveis teórico e metodológico? De que maneira as novas abordagens historiográficas contribuíram para a compreensão dos temas que investigas?

Maria Cristina Bohn Martins - Naqueles anos 80 em que fizemos o Mestrado, começava a ter ressonância aqui o tema da história indígena, mas não com o viés que trabalhamos hoje. Era a época em que estava repercutindo no Brasil a corrente da qual Miguel León Portilla é um expoente⁸: a de uma “história dos vencidos”. Se trabalhava muito o tema da “resistência indígena” à colonização. Estes estudos foram importantes para, de alguma forma, “introduzir” as sociedades nativas como um tema de que se ocupassem os historiadores e não só os antropólogos. Entretanto, aos olhos de hoje, e com as camadas de estudos e interpretações que se fizeram neste tempo, observa-se que a interpretação aí proposta se baseava em uma noção essencializada de cultura, que hoje não é mais bem aceita.

Além disto, partia-se de uma imagem da sociedade colonial que, a meu ver, é errônea e simplificadora: índios e espanhóis teriam vivido drasticamente separados e opostos entre si por vontades absolutamente conflitantes. Por isto, teriam buscado “resistir” à “dominação”, permanecendo o mais perto possível do que seria sua “identidade”, elaborada a partir de uma

⁸ Dentre algumas obras podemos citar: *Los antiguos mexicanos: Atraves de sus cronicas y cantares*, publicada no México em 1972; *Trece poetas del mundo azteca*, de 1978; *A conquista da america latina vista pelos indios: Relatos astecas, maias e incas*, publicado em 1984 no Brasil; *A visão dos vencidos: a tragédia da conquista narrada pelos astecas*, também publicada no Brasil, mas em 1985.



cultura “original” e prévia ao contato. Os brancos, em contrapartida, teriam tido como principal objetivo assimilar a todo custo a população local para domina-la melhor.

Hoje os historiadores costumam perceber esta postura como equivocada, pois, embora ela tenha sido defendida como “politicamente correto”, nela se nega ao indígena toda possibilidade de mudança ou de aspiração à modernidade, sobre pena de perder sua identidade e transformar-se em “traidor de sua própria causa”.

Hoje falamos de um protagonismo indígena que não se dá apenas pela “resistência”, mas pelas várias formas de conexão que os povos nativos estabeleceram com a sociedade dos brancos. Podemos perceber que estas escolhas envolveram por vezes o rechaço e a recusa em relacionar-se com ela, bem como, em outras oportunidades, diferentes formas de fazê-lo e buscar tirar vantagens disto. Acho super bacana a lembrança de David Weber⁹ sobre o fato de que, no século XVIII, na região da Araucania, a política de “regalo” dos governadores para manter a paz com os nativos fazia, de alguma forma, os brancos tributários dos índios! Isto implica em toda uma mudança de perspectiva que – sem negar as enormes violências próprias do colonialismo - desloca os indígenas da situação de vítimas inermes de uma história que lhes é exterior.

Os trabalhos sobre os contatos culturais não tinham o refinamento teórico-metodológico que se alcançou atualmente. Não se pensava, tal como hoje, que a “agência” indígena envolvia também, negociação, aceitação e transformação das suas pautas culturais. Então, olhando retrospectivamente, eu diria que, naquele momento, havia a busca de uma história menos eurocêntrica – e isso era muito importante para esse que era um curso de história latino-americana -, mas ainda sem a sofisticação da reflexão teórica que se alcançou nos últimos anos.

Percebo que, na Unisinos, acompanhamos muito bem essa virada teórico-metodológica nos seus dois momentos. Tanto nos trabalhos dos professores quanto nos que são feitos pelos nossos alunos, estamos em sintonia com a agenda de pesquisa da nossa área. A essa altura, também os trabalhos dos professores da casa já têm sólido reconhecimento nacional. Estabelecemos laços e conexões de trabalho com colegas de vários Estados do Brasil, de várias regiões, das universidades mais diversas.

⁹WEBER, David. Bárbaros. Los españoles y sus salvages en la era de Ilustración. Barcelona: Crítica, 2007, p. 411.



RLAH - Quantos orientandos estás auxiliando no momento? Quais os temas mais procurados pelos pós-graduandos? Gostaríamos que comentasse sobre a sua atuação como orientadora no PPG de História.

Maria Cristina Bohn Martins - A universidade é um centro de referência nas pesquisas sobre Missões, mas somos 3 ou 4 professores orientando nesta área. Além isto, colegas de outras IES também o fazem. Enquanto o Padre Meliá esteve ligado à Unisinos, lembro que os estudos sobre missões atraíam mais alunos para o PPG, e isto é compreensível: o Padre Meliá é, por si só, uma “instituição” na pesquisa de guaranis e de missões.

Alguns dos estudantes que têm me procurado, o fazem motivados pela questão da história indígena, mas não necessariamente de missões. Recentemente a Fernandinha (Giroto) está concluindo uma dissertação sobre a obra do Padre Chantre y Herrera sobre as reduções de Maynas¹⁰, mas ao mesmo tempo oriento Marinês Dors que trabalha com biografia e história intelectual¹¹. Aliás, já no mestrado desta aluna estudamos a trajetória de Dyonelio Machado. Aparentemente temas muito díspares? Talvez. Mas ambas lidaram com biografias, com o papel dos intelectuais e suas produções escritas. Foi também isto que constituiu o pano de fundo da dissertação da Elizandra Wagner, que analisou o diário da socialista Flora Tristán¹². Por outro lado, orientei recentemente a Camila Silva que estudou a comemoração do centenário da Revolução Farroupilha na imprensa de Porto Alegre. Neste caso, a aproximação se deu por conta do tema “comemorações”, como também ocorreu com a Carla Pedrozo e sua dissertação sobre a “Festa do Milho” em 2005¹³.

Atuo também em outro tema, mais emergente e muito importante, que é o da história indígena contemporânea segundo alguns, como meu colega da FURG Jean Baptista, “história dos índios” e não “indígena” que tem recebido espaço aqui. Recentemente orientei sobre isto um trabalho sobre a Terra Indígena do Guarita, da aluna Fernanda Wisniewski¹⁴. As vezes, mas nem sempre, os dois temas – missões e história indígena - se encontram. Lembro com enorme prazer a Tese de João Ivo Pulmann¹⁵, que refletiu sobre como os chiquitos da

¹⁰ A dissertação é intitulada A Amazônia do exílio: os escritos de Chantre y Herrera, ainda em processo de conclusão.

¹¹ Sua tese, ainda em andamento, trata do intelectual Nicolau Vergueiro.

¹² Defendida em 2005, intitula-se Nas Margens do Império: mulheres, viagens e escritas.

¹³ O título da dissertação é A cidade está em festa. Festas urbanas e representações do espaço no oeste catarinense. (1980-1990).

¹⁴ Dissertação sob o título de Conflito e poder na Reserva da Guarita no RS, defendida em 2011.

¹⁵ De 2011, chama-se Territorialidades Chiquitanas em comunidades rurais da província de Velasco na Bolívia de 1953-2003.



fronteira boliviano-peruana ressignificaram, em dias atuais, parte das experiências que viveram com os jesuítas no XVIII, ao tempo das missões .

Esta história dos índios tem se constituído em uma boa plataforma de orientação. Ela foi iniciada pela professora Paula Caleffi antes de eu começar a orientar no PPG. A colega deixou o Programa, justamente em um momento em que o campo da história indígena estava ganhando corpo¹⁶, atraindo alunos. Lauro Souza concluiu comigo recentemente uma dissertação que, a meu juízo, inova na historiografia do litoral do Rio Grande do Sul. Creio que ela deve ser uma leitura obrigatória para os professores de história no nosso estado. Dele resultou um livro publicado no final do ano de 2012: *Índios xokleng e colonos no litoral norte do Rio Grande do Sul (sec. XIX)*.

Também acompanhei trabalhos como o da própria Deise [Schell]¹⁷, cuja afinidade com meus interesses passa pelo viés historiográfico e pela época colonial que ela estuda. Assim tenho também enorme interesse pelo estudo das crônicas coloniais, jesuíticas ou não. No caso da produção escrita dos padres, me interessa submetê-las a uma interpretação que não se deixe sequestrar pela sua perspectiva institucional e de edificação, mas que tente compreendê-las como a expressão das experiências desses agentes tão importantes da história colonial, que fazem parte do círculo letrado da sociedade, mas que também expressam aí sua subjetividade.

Em algum momento vocês perguntaram sobre minha participação com a Iniciação Científica. Eu nunca tive uma experiência neste nível na qualidade de aluna, o que lamento muito. A meu juízo este é um Programa com muitos e amplos méritos. Os alunos de IC não só chegam ao Mestrado com um *upgrade* diferenciado, uma base mais sólida para desenvolver trabalhos em nível de Mestrado, como, na grande maioria das vezes, contribuem fortemente para elevar o nível das aulas na própria graduação, sendo agentes de estímulo e socialização de seu aprendizado entre os demais colegas.

Várias vezes, os alunos que orientamos em IC se tornam orientandos, também, de Mestrado e Doutorado. Eu costumo conceder aos meus orientandos de Iniciação Científica ampla margem liberdade de escolher seus temas. Não instituo que eles devam seguir exatamente o meu projeto, mas buscar algo que os motive dentro do universo de temas que

¹⁶ No momento em que esta entrevista estava sendo revista para publicação, a história do índios no Brasil perdeu um de seus nomes mais importantes: o professor John Manuel Monteiro, falecido em março de 2013.

¹⁷ A dissertação *A Jornada de Omagua e Dourado. Personagem, Evento e História* foi defendida em 2010.



gosto de estudar. Neste momento, o Ismael [Silveira Calvi]¹⁸, por exemplo, está estudando relatos de viagem de dois famosos exploradores do século XVIII. O fundamental é encontrar algo que lhes instigue a curiosidade e traga prazer. Depois disto vem o aprendizado no que tange a prática da pesquisa.

RLAH - O que pretendes ainda alcançar em tua trajetória como docente e pesquisadora? Ainda há anseios a concretizar? O que desejas para os próximos 25 anos do Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos?

Maria Cristina Bohn Martins - Eu pretendo continuar fazendo, com prazer e competência, o que eu faço hoje. Não tenho nenhuma pretensão de ocupar outros espaços institucionais ou de representação, e nem disputar colocações em qualquer ranking. Quero só continuar me sentindo comprometida com meu ofício, tratando dele com cuidado e atenção, com comprometimento e responsabilidade. E o reconhecimento que eu possa almejar existe apenas em relação a estes aspectos. Como disse, não busco ou disputo proeminência, mas me faria mal ser vista como pouco comprometida ou pouco cuidadosa com os meus alunos e com o meu trabalho. Assim, enquanto eu puder estar realizando-o com o mesmo prazer que tenho hoje, e que se renova a cada semestre, está tudo OK.

Confesso que às vezes me sinto um pouco em “conflito geracional” com algumas práticas ou comportamentos dos estudantes, que são muito diferentes do que vivi como aluna. Sei que temos construir novas pedagogias, capazes de estar em sintonia com os alunos de que nos chegam hoje. Por aí passam minhas dificuldades no momento, mas elas não sequestraram meu prazer e não planejo me aposentar ainda.

O que eu desejo para os próximos 25 anos? Eu desejo que o Programa possa respeitar a filosofia com a qual ele foi idealizado e construído nesse tempo, filosofia esta pautada em trabalho sério e empenhado, trabalho de acolhida e de preparação dentro das melhores bases possíveis, dos estudantes que escolhem a nossa Instituição e o nosso curso, como aquele em que vão preparar suas carreiras acadêmicas. Que possamos continuar correspondendo e que os estudantes possam continuar vendo o PPGH como um lugar que faz essa acolhida da maneira mais profissional, comprometida e competente possível, é isso o que eu desejo.

¹⁸ O aluno foi bolsista CNPq de Iniciação científica durante a graduação e atualmente cursa o Mestrado no PPG de História da Unisinos, com auxílio da bolsa CAPES.



Acho que isso estava lá começo de tudo, com a Professora Beatriz Franzen. Ela percebeu muito bem os rumos que tomava o ensino universitário naquela década de 80, a necessidade que a universidade assumisse a pesquisa como vocação e que os professores do ensino superior tivessem esta qualificação como parte indispensável do seu trabalho. Ao lado disto, o respeito para com a instituição que nos emprega e para com os alunos que são a razão de ela existir. Então, o que eu espero para os próximos 25 anos do PPGH, é que os colegas que levarem adiante o trabalho que a Bea iniciou - ao lado do Pe. Inácio [Schmitz] e do Professor [Artur B.] Rambo -, possam dar continuidade a ele de forma a respeitar as boas práticas que instituíram Programa lá nos idos de 1987.

Entrevista realizada no verão de 2013.

Recebido em Julho de 2013 - Aprovado em Julho de 2013.